



doi: 10.7213/psicol.argum.34.086.A005

Feminilidade, amor e devastação: alguns pontos de encontro entre Freud e Lacan

*Femininity, love and devastation: some coincident points between Freud and
Lacan*

Ana Suy Sesarino Kuss ^[a]

[a] Mestre em Psicologia Clínica pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Pós-graduação em Psicologia Clínica – abordagem psicanalítica pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Graduação em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR). Email: ana_suy@yahoo.com.br

Resumo

Este artigo tem como propósito fazer algumas articulações entre o pensamento freudiano e a teoria lacaniana no que se refere à relação da feminilidade com o amor. Sabe-se que as mulheres têm uma relação de intimidade com o amor, consequência da impossibilidade de identificar-se inteiramente ao seu gozo. Não-todas submetidas ao gozo fálico, mas também não-todas submetidas ao gozo feminino, a feminilidade se mostrará como aquilo que está entre os dois modos de gozar de uma mulher. Freud nos mostra que a

menina tem uma relação importante com a bissexualidade, onde tanto a mãe quanto o pai servirão como polos de identificações. Na teoria lacaniana, tal raciocínio se estrutura pela via da duplicidade do gozo na mulher. Em ambas as teorias, tanto na freudiana quanto na lacaniana, a relação de uma menina com sua mãe se mostrará de fundamental importância para os futuros relacionamentos amorosos de uma mulher. A devastação, então, seria quando uma mulher não consegue se desconectar de sua mãe.

Palavras-chave: Feminilidade. Amor. Devastação. Mãe. Mulher.

Abstract

The purpose of this article is to make a few relations between Femininity and Love, according to the considerations of Freud and Lacan about these two subjects. Because it is difficult for women to get in touch with their jouissance, they develop a sense of intimacy with Love. Not-all submitted to phallic jouissance, but, not-all submitted to female jouissance, the sense of femininity will appear in two ways of jouissance. Freud shows us that women has a link with bisexuality, identifying themselves with both parents: mother and father. In Lacanian theory, such reasoning is structured in a duplicity of jouissance in woman. In both theories, Freudian and Lacanian the relationship of a girl with her mother has a huge importance for woman's future love relationships. The devastation may happen, when a woman can't separate herself from her mother.

Keywords: *Femininity. Love. Devastation. Mother. Woman.*

Introdução

A psicanálise nasceu do interesse freudiano sobre o que as mulheres teriam a dizer. É importante destacar que não eram quaisquer mulheres, mas as mulheres históricas que despertaram, em Freud, o desejo de saber mais sobre elas. Ao longo da teoria psicanalítica, então, encontramos tentativas do criador da psicanálise de falar sobre a sexualidade feminina. Lacan, pós-freudiano, também se debruça sobre esse tema, avançando na teoria freudiana de um modo bastante importante.

A feminilidade, desde o nascimento da psicanálise, apresenta-se como um tema que põe os psicanalistas a trabalho, sejam eles homens ou mulheres, iniciantes ou experientes. Na vida cotidiana, somos tomados por notícias, tanto científicas quanto midiáticas, que articulam as mulheres ao sofrimento psíquico: são elas quem mais procuram os médicos e também os psicanalistas. Assim, torna-se comum escutarmos queixas femininas generalizadas: de que têm dupla ou tripla jornada de trabalho, de que os homens “não querem nada sério”. Se por um lado as históricas freudianas, com sintomas de paralisias e cegueiras, tornaram-se escassas nos dias de hoje, por outro lado há uma proliferação de mulheres diagnosticadas com inúmeros transtornos dos manuais de psiquiatria. Haveria algo em comum entre as mulheres contemporâneas e as de outrora?

Se antes as mulheres não tinham espaço ou voz na sociedade, ficando como objetos de troca entre os homens e fazendo sintomas históricos, nos dias atuais, o que vemos, é que grande parte das mulheres conseguiu ascender socialmente. São chefes de família, mulheres independentes, mães, executivas bem-sucedidas, homossexuais, heterossexuais, bissexuais, donas-de-casa. Mas ainda assim, históricas? Ainda assim, sofrendo por amor? Por quê?

Este artigo pretende destacar alguns pontos de articulação entre o pensamento freudiano e a teoria lacaniana acerca da feminilidade. Para isso destacaremos primeiramente alguns pontos do texto “Sexualidade feminina”, de Freud, texto este que, inaugura um novo modo de compreender a feminilidade na psicanálise, para posteriormente o articularmos aos modos de gozar elaborados por Lacan no Seminário 20 (1972/73) – fundamentais para pensarmos a feminilidade nos dias de hoje.

Método

Participantes e Instrumento

Trata-se de uma pesquisa bibliográfica que tem como objetivo elucidar alguns pontos de encontro entre as teorias de Freud e de Lacan no que tange à sexualidade feminina e a sua relação com o amor. Para isso optou-se por fazer a análise de uma letra de música, que esclarece as consonâncias entre a relação mãe e filha e a relação de uma mulher com seu parceiro amoroso. A relação entre a psicanálise e a arte sustenta tal metodologia, visto que, de acordo com Freud, o artista precede o psicanalista.

Resultados e Discussões

Sexualidade feminina e pré-édipo

Em boa parte da teoria freudiana, encontramos tentativas de explicar a feminilidade em paralelo com a masculinidade, pela via do complexo de Édipo. Embora Freud afirme no texto *Sexualidade feminina* (1931) ter abandonado há muito tempo o paralelismo nítido entre o desenvolvimento sexual feminino e o masculino, é só nesse texto (1931), que Freud fala de modo claro da construção da sexualidade feminina como radicalmente diferente da construção da sexualidade masculina.

Tal diferença é apresentada com a valorização de uma fase anterior ao complexo de Édipo, que antes não tinha sido considerada por Freud, mas que a partir de então, passa a se mostrar de fundamental importância para a menina, à qual Freud chamou de fase pré-édipica. Nesta fase, entende-se que a menina, antes de entrar no complexo de Édipo pela via do amor ao pai, teria vivido um tempo anterior, de ligação exclusiva com a mãe, e o amor que a menina viveria depois, com seu pai, não traria nada de novo.

Sobre isso Freud diz: “Assim sendo, a fase pré-édipiana nas mulheres obtém uma importância que até agora não lhe havíamos atribuído”. (1931, p. 234) Freud entende, então, que o núcleo das neuroses histéricas encontraria-se nessa fase primitiva ao Édipo, que seria, portanto, mais difícil de se analisar.

Bissexualidade feminina

Ainda nesse texto “Sexualidade feminina” (1931), destaca-se a presença da bissexualidade na construção da feminilidade como mais importante do que na construção da masculinidade. Nas palavras de Freud: “Antes de tudo, não pode haver dúvida de que a bissexualidade, presente, conforme acreditamos, na disposição inata dos seres humanos,

vem para o primeiro plano muito mais claramente nas mulheres do que nos homens.” (1931, p. 236).

Dito de outro modo, pode-se entender que para o homem, a constituição de sua sexualidade acontece em apenas uma fase, enquanto que para a mulher, são necessárias duas. O menino passa por uma identificação sexual (a masculina), tem um órgão sexual (o pênis) e um objeto de amor (a mãe). Já a menina tem tudo duplicado: duas zonas erógenas (o clitóris e a vagina), dois objetos amorosos (a mãe e o pai) e também duas identificações sexuais a (masculina e a feminina).

Para Freud:

Em outras palavras, à mudança em seu próprio sexo deve corresponder uma mudança no sexo de seu objeto. Os novos problemas que agora exigem investigação são a maneira pela qual essa mudança ocorre, quão radical ou incompletamente é efetuada, e quais as diferentes possibilidades que se apresentam no discurso desse desenvolvimento. (1931, p. 237)

Para Freud, antes de ser uma menina, a menina viveu como se fosse um menino. É só diante do encontro com a diferença sexual anatômica que ela teria que se haver com sua diferença sexual. A partir daí, poderia vir a fazê-lo de três modos: 1) Inibindo sua sexualidade, 2) fantasiando ser um homem que ganharia um pênis que a restituísse de sua perda e 3) tomando o pai como objeto, o que Freud entendia como a feminilidade “normal”.

Porém, seja lá qual for a saída que a menina encontre, o fato é que seu complexo de Édipo não seria completamente destruído. Sobre isso encontramos:

Assim, nas mulheres, o complexo de Édipo constitui o resultado final de um desenvolvimento bastante demorado. Ele não é destruído, mas criado pela influência da castração; foge às influências fortemente hostis que, no homem, tiveram efeito destrutivo sobre ele e, na verdade, com muita frequência, de modo algum é superado pela mulher. (1931, p. 238)

Desse modo Freud deixa clara a importância que o tempo pré-édipico que uma menina vive com sua mãe, tem para o seu tempo edípico posterior com seu pai, e também por toda a vida, visto que algo do complexo de Édipo jamais será superado pela mulher. Ou seja, há algo da menina que permanece enroscado em sua mãe.

As parcerias amorosas

Para ilustrar esse enroscamento, Freud fala da vida conjugal das mulheres. Destaca que muitas mulheres escolhem os maridos conforme o modelo do pai, ou colocam o marido no lugar do pai, na tentativa de repetirem o bom relacionamento que tiveram com o pai. Entretanto, essas mulheres repetem com tais maridos o mau relacionamento que tiveram com a mãe. Freud elucida tal acontecimento dizendo:

Isso é facilmente explicado como um caso óbvio de regressão. O relacionamento dela com a mãe foi o original, tendo a ligação com o pai sido construída sobre ele; agora, no casamento, o relacionamento original emerge da repressão, pois o conteúdo principal de seu desenvolvimento para o estado da mulher jaz na transferência, da mãe para o pai, de suas ligações objetivas afetivas. (1931, p. 239)

Ou seja, uma mulher elege seu parceiro na intenção de repetir com ele o seu bom relacionamento edípico com seu pai, mas o que acaba encontrando é a repetição de uma relação mais primitiva e difícil, a relação pré-edípica com sua mãe.

Por isso Freud é categórico ao afirmar: “Via de regra, os segundos casamentos se mostram muito melhores” (1931, p. 242). Com tal afirmação entende-se que no primeiro casamento a mulher teria a tarefa de elaborar seu mau relacionamento com sua mãe, para que então, em um segundo casamento, encontrar a repetição de seu bom relacionamento com o pai.

Um pouco mais a frente, Freud retoma seu dito, reafirmando:

O marido da mulher, inicialmente herdado, por ela, do pai, após algum tempo se torna o também o herdeiro da mãe. Assim, facilmente, após algum tempo pode acontecer que a segunda metade da vida da mulher venha a ser preenchida pela luta contra seu marido, do mesmo modo como a primeira metade, mais breve, fora preenchida pela rebelião contra a mãe. Quando essa reação foi esgotada no decurso da vida, um segundo casamento pode facilmente vir a ser muito mais satisfatório. (1933, p. 132).

Freud continua, dizendo que, depois de a mulher tornar-se mãe, por identificação à própria mãe pode acabar por reproduzir o casamento de seus pais, tornando-se assim, ainda mais parecida com sua mãe. E, ainda, que “um casamento não se torna seguro enquanto a esposa não conseguir tornar seu marido também seu filho, e agir com relação a ele como mãe”. (1933, p. 132-133). Desse modo podemos entender que há algo da transformação da mulher em mãe que viria a apaziguar a neurose de uma mulher em relação ao seu parceiro amoroso.

Pontos de articulação com a teoria lacaniana

Há dois pontos de articulação com a teoria lacaniana já expostos pela psicanálise freudiana, que pretende-se trabalhar aqui. São eles:

- 1) A bissexualidade feminina
- 2) A repetição da relação hostil com a mãe com o amor vivido na parceria com um homem.

Até aqui já pudemos perceber que a psicanálise nos ensina que ser uma mulher não é tarefa simples. É claro que ser homem também não o é. Mas é preciso reconhecer que a sexualidade feminina é mais complexa. Isso porque a sexualidade masculina identifica-se a ela mesma. Entretanto, a sexualidade feminina também identifica-se à sexualidade masculina.

Tal tarefa seria simplificada se as mulheres pudessem identificar-se à sexualidade masculina e também à sexualidade feminina. Nesse caso, a presença da bissexualidade na sexualidade feminina ficaria clara. Contudo, o que ocorre é que, a sexualidade feminina não se identifica a ela mesma.

No estudo da teoria lacaniana, encontramos o aforisma de que “A mulher não existe” (1972/73). Por esse caminho Lacan nos leva a entender que, no inconsciente a diferença sexual não é possível de ser simbolizada. Em Freud podemos entender isso pela “primazia do falo” (1923). Ou seja, existem duas sexualidades, a masculina e a feminina, mas ambas estão relacionadas ao falo. Enquanto o masculino tem o falo, o feminino não o tem.

Nesse sentido, na teoria de Freud e de Lacan a sexualidade não se apresenta como submetida a um campo binário.

Serge André destaca:

Em outras palavras, não há senão um sexo, o falo, mas há dois modos de manifestação: ou a presença, ou a ausência. O que significa que a falta do pênis, se reconhecida, é enquanto falo (a menos) e não enquanto sexo feminino. A castração constitui assim aquilo que exclui – ou, para retomar um termo lacaniano, aquilo que foraclui – o sexo feminino como tal. (1986, p. 13)

Assim, pode-se entender que, embora haja dois sexos, a feminilidade, em Freud, é marcada pela ausência do falo, e não por um significante que lhe seja próprio. Porém, isso não é tudo, pois a feminilidade não é pura ausência. Acontece, então, que uma menina se identifica primeiramente à sexualidade masculina (em sua vida pré-edípica), e posteriormente à ausência da sexualidade feminina (em sua vida edípica), visto que não há um significante específico para a feminilidade.

Sobre tal bissexualidade, alguns anos mais tarde, Freud afirma:

Tomando sua pré-história como ponto de partida, acentuarei aqui, que o desenvolvimento da feminilidade permanece exposto a perturbações motivadas pelos fenômenos residuais do período masculino inicial. Muito frequentemente ocorrem as regressões às fixações das fases edípicas; no transcorrer da vida de algumas mulheres existe uma repetida alternância entre períodos que ora a masculinidade, ora a feminilidade, predominam. Determinada parte disso que nós, homens, chamamos de “o enigma da mulher”, pode, talvez, derivar-se dessa expressão da bissexualidade na vida da mulher. (1933, p. 130)

Com esses ditos Freud nos leva a entender o “enigma da feminilidade” como algo da ordem de uma oscilação entre a masculinidade e a feminilidade, ou seja, uma alternância entre estar referida ao falo e não estar referida ao falo.

Freud diz que “a psicanálise nos ensina a lidar com uma libido única” (1931, p.248) Para ele, só havia uma libido, para a qual não poderíamos atribuir nenhum sexo. Isso nos permite entender que só há uma inscrição sexual no inconsciente de ambos: homens e mulheres. Dito de outro modo, não há inscrição para a diferença sexual no inconsciente.

Nesse ponto encontramos uma articulação com a teoria lacaniana. Pois se Lacan afirma que “A mulher não existe” (1972/73), tal afirmação pode-se encontrar na teoria freudiana, que nos permite pensar que só há inscrição para um sexo no inconsciente, o fálico.

Portanto, podemos entender que o gozo fálico passa pelo inconsciente. Contudo, é no seminário 20 (1972/73) também que Lacan dirá que enquanto o gozo de um homem passa todo pela identificação com o significante fálico, a mulher submete-se a um gozo que é dual: o gozo fálico e o gozo feminino. Se Freud disse que o “enigma da mulher” estava na alternância entre a feminilidade e a masculinidade, então, essa dualidade do gozo da qual Lacan nos fala, não é bem freudiana?

Assim, podemos ler a dualidade do gozo da mulher nos remetendo à bissexualidade feminina da qual falamos acima. Uma menina viveu como se fosse um menino antes de entrar no complexo de Édipo, e só depois pôde perceber que era uma menina. Entretanto,

to, como vimos, ela não se livra desse tempo pré-édipico que viveu como se fosse um menino, desse tempo de uma intensa e duradoura relação amorosa com a mãe.

Para André: “a menina, como o menino, deve rejeitar esse gozo passivo e se separar da mãe para ingressar no Édipo, mas é necessário que ela volte a ele mais tarde para assumir seu destino propriamente feminino” (1986, p. 23).

Podemos entender, então, que o complexo de Édipo não apresenta uma saída para a feminilidade tal como apresenta uma saída para a masculinidade (identificação ao significante fálico), pois a saída edípica feminina aponta para um retorno. Uma vez que a sexualidade feminina também inclui a sexualidade masculina (pois só há uma libido), mas não se resolve com ela, cada menina precisará criar uma saída para a sua feminilidade, pois o complexo de Édipo e a sexualidade masculina (ou em termos lacanianos, o gozo fálico) lhe são insuficientes.

Mas quais seriam os caminhos pelos quais uma mulher pode trilhar para encontrar consistência para seu corpo de mulher?

Feminilidade e narcisismo

Embora o texto “Sobre o narcisismo: uma introdução” (1914) tenha sido escrito cerca de dezessete anos antes de Freud formular a importância do tempo pré-édipico para a menina, naquele texto ele já nos dá vários indícios para pensar o pré-édipo. Afirma-se isso com base nas diferenças com as quais Freud se refere ao modo feminino e ao modo masculino de amar, sendo o primeiro narcísico e o segundo objetal.

Nesse texto Freud fala de dois narcisismos: o primário e o secundário. O narcisismo primário seria o reinvestimento do narcisismo dos pais na criança. A criança, seja ela menino ou menina, para se desenvolver, precisa que seus pais, especialmente sua mãe, invista libido no seu ego. A este tempo Freud chamou de eu ideal.

Já o narcisismo secundário seria ocasionado em um segundo momento, no qual a criança já não seria mais dependente do narcisismo dos pais, tendo se deslocado do eu ideal de seus pais. Como consequência desse deslocamento, apareceria a criação do seu ideal de eu.

Para explicar o modo narcísico de amar das mulheres (embora Freud destaque que nem todas as mulheres amariam ao modo narcísico e que nem todos os homens amariam ao modo objetal), Freud recorre à importância do olhar do outro para a constituição do narcisismo feminino. Nas palavras dele:

“Com o começo da puberdade, o amadurecimento dos órgãos sexuais femininos, até então em estado de latência, parece ocasionar a intensificação do narcisismo original, e isso é desfavorável para o desenvolvimento de uma verdadeira escolha objetal com a concomitante supervelocização sexual.” (1914, p.95)

Podemos entender, assim, que, com as mudanças que acontecem no corpo feminino no início da adolescência, as meninas novamente precisam de um investimento narcísico primário, tal como meninos e meninas haviam precisado na primeira infância.

É importante destacar que Freud nos alerta que há mulheres que amam ao modo objetal. Para explicar tal funcionamento nessas mulheres, diz que elas se sentiriam masculinas antes da puberdade, desenvolvendo o anseio por um ideal também masculino. Tais mulhe-

res, então, não precisariam de um fortalecimento no narcisismo primário no início da adolescência.

O que é possível de pensar articulando o narcisismo ao pré-édipo nesse texto, é que Freud nos demonstra que as necessidades que as mulheres teriam de um suplemento de narcisismo primário na puberdade, poderiam ser justamente o atestado de que o complexo de Édipo não lhes foi o suficiente para resolver sua questão como mulher.

Se nos textos *Sexualidade Feminina* (1931) e *Feminilidade* (1933) Freud diz que a menina tem uma relação com a mãe anterior à sua entrada no complexo de Édipo, à qual ela teria que retornar posteriormente para conseguir uma identificação feminina, no texto *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914) entendemos que o narcisismo primário lhe é insuficiente para lhe possibilitar sua identificação como mulher. Desse modo, na adolescência, a menina precisa de novo do olhar do outro, tal como precisou em um tempo primitivo de sua vida, para dar significação ao seu corpo feminino.

Assim, pode-se entender a afirmação freudiana:

“Rigorosamente falando, tais mulheres amam apenas a si mesmas, com uma intensidade comparável à do amor do homem por elas. Sua necessidade não se acha na direção de amar, mas de serem amadas; e o homem que preencher essa condição cairá em suas boas graças.” (1914, p. 95)

Podemos pensar, então, que o amor, para estas mulheres, teria uma função de suplemento narcísico. Na impossibilidade de terem um falo, ou, em termos lacanianos, na impossibilidade de serem inteiramente fálicas, precisam ser amadas, como uma suplência à inexistência de um significante que as identifique à sua sexualidade.

No texto “A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade)” Freud nos dá pistas da saída edípica que meninos e meninas encontram, fazendo equivaler a mulher à mãe. Se em um primeiro momento as crianças acreditam que são todos meninos, ou seja, que todos têm um pênis, e depois se horrorizam com a descoberta de que algumas pessoas têm pênis e outras não, num terceiro momento a assunção da castração se dá pela equivalência pênis-bebê. Desse modo a primazia do falo mantém-se vitoriosa, tanto para os meninos quanto para as meninas.

“Para ela, ser mulher ainda não é sinônimo de não ter pênis. Mais tarde, quando a criança retoma os problemas da origem e nascimento dos bebês, e adivinha que apenas as mulheres podem lhe dar o nascimento, somente então a mãe perde seu pênis. E, juntamente, são construídas teoria bastante complicadas para explicar a troca do pênis por um bebê.” (1923, p. 160)

Portanto, podemos entender que a criança só aceita a castração da mulher, se trocar a mulher pela mãe. Tal entendimento nos leva a entender que se não há inscrição para a mulher no inconsciente, para a mãe, há. Dito de outro modo, se “A mulher não existe”, como diz Lacan, a mãe existe. Porém, como a mãe e a mulher não são equivalentes, a questão sobre a mulher permanece aberta, tanto para os homens quanto para as mulheres.

É importante dizer que, ainda que a menina se identifique à mãe (e ela o fará, na melhor das hipóteses), tal identificação não resolve a sua questão com a feminilidade. Isso porque, como destaca Serge André (1986, p. 210): “‘maternidade’ não é ‘feminilidade’ e, de resto, a identificação à mãe é fundamentalmente ambivalente, já que a mãe é também privada de pênis, e portanto essencialmente desvalorizada para a filha”. Assim, o que se vê

aqui, é que a mãe não pode resolver a questão de sua filha com a sua própria feminilidade. Caberá, então, a cada menina-mulher traçar uma construção própria para a sua sexualidade com a sua duplicidade de gozo, o fálico e o para além do fálico.

As fórmulas da sexuação, das quais Lacan nos fala em seu Seminário 20 (1972/73), mostram que a mulher tem acesso a dois modos de gozar: o gozo fálico e o gozo Outro - gozo este que escapa ao domínio do significante, estando situado para além da linguagem. Assim, só há um sexo representado no inconsciente de homens e mulheres, pois o Outro sexo fica sem representação.

Por isso diz-se que a mulher é não-toda, visto que há algo dela que não pode ser atingido pelas palavras, que não é regulado pelo significante fálico. Esse gozo a mais que a mulher tem, permite a ela uma relação mais íntima com o Real, que, assim como o sexo feminino, não é simbolizado e não tem representação.

Lacan diz que “Nada se pode dizer da mulher” (1972/73, p. 87), apontando novamente para a ideia de que a mulher não existe como significante. Um pouco mais a frente no texto, na mesma página, diz Lacan: “Depois disso, vou endereçá-los, não me resta mais senão lhes falar de amor.” (1972/73, p. 87) Vemos aí que, tal como Freud, também Lacan aponta a inconsistência da feminilidade ao amor como possibilidade de suplência.

As mulheres e o amor

Se podemos pensar que o amor teria, para as mulheres, a função de uma suplência à inexistência do significante da feminilidade - e se podemos entender que, pela sua dualidade de gozo as mulheres estariam mais próximas do Real do que os homens, aqui pretende-se fazer, então, uma articulação do amor ao gozo feminino.

É desse lugar que Lacan revela a *erotomania* como uma forma da mulher amar. Numa exacerbação de sentimentos, a mulher não põe limites às entregas que faz ao seu homem. Em “Televisão”, Lacan diz: “não há limites às concessões que cada uma faz para um homem: de seu corpo, sua alma, seus bens” (1974/2003, p.538).

Entende-se que essa ausência de limites no amor feminino pode aparecer como consequência da relação amorosa primitiva que uma menina viveu com sua mãe. Ficando o tempo pré-edípico mal elaborado, e precisando necessariamente revisitá-lo para a construção da sexualidade feminina, ainda que de modo inconsciente, então, podemos entender que quanto menos uma menina se separou de sua mãe, mais ela tenderá a uma dificuldade de reconhecer limites também em seus relacionamentos amorosos na vida adulta.

Para a mulher o amor pode aparecer desenfreado e ilimitado, assim como é o seu gozo, para além do falo. Tal posição pode colocá-la num estado de aniquilação devastador. Assim, a e a devastação e a erotomania são vertentes possíveis de relacionar a mulher, pela via do amor, ao seu gozo feminino. Enquanto a devastação aponta para uma repetição do relacionamento não elaborado com a mãe na vida amorosa, a erotomania aponta para uma relação da mulher com o amor que toca a loucura por seu excesso.

Para homens e mulheres, estar diante do amor é ser convocado a habitar um corpo sexuado. O homem tem um significante que dê conta de sua sexualidade, pois embora ele não tenha o falo, ele acredita que o tem, visto que se identifica a um significante. Já a mulher, diante da relação entre os sexos, é convocada a fazer algo com o vazio de sua sexualidade feminina.

A vertente erotomaníaca

Essa vertente erotomaníaca do amor, da qual Lacan nos fala, pode ser lida na música de Clarice Falcão, que canta:

Eu pensei direito
Fiz uma pesquisa
Eu li a respeito
E a gente é um só
Eu nos vi no espelho
E contei nossos dedos
Não fica vermelho
A gente é um só
Sem você, eu sumo
Eu morro de fome
Eu perco meu rumo
Eu fico menor
Eu tenho o seu gosto
Eu sou do seu jeito
A cor do seu rosto
Eu já sei de cor
Mas se você planeja
Nos partir ao meio
Então nem pestaneja
E faça sem dó
O meu desespero
É que quando acaba
Você fica inteiro
E eu fico o pó

Podemos fazer uma leitura da canção pelo conceito freudiano de amor narcísico, do qual já falamos acima. Freud disse que para a mulher, mais importante do que amar, é ser amada; que o que uma mulher ama em seu parceiro é o amor que ele tem por ela. Vamos na letra da música uma demanda por um suplemento narcísico.

Sobre isso, em “Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina” (1960-62/1998, p. 734) Lacan disse: “uma noção de carência afetiva, ligando sem intermediação às falhas reais dos cuidados maternos os distúrbios do desenvolvimento, é reforçada por uma dialética de fantasias das quais o corpo materno é o campo imaginário”. Podemos entender esta colocação lacaniana como a demanda de amor infinita que uma menina dirige à sua mãe. Ela acusará a mãe de ter falhado, independente da conexão de sua queixa com a realidade.

Lacan (1973/1998) disse que uma menina espera mais substância de sua mãe do que de seu pai. Ainda segundo Lacan (p. 739):

...convém indagar se a mediação fálica drena tudo o que pode se manifestar de pulsional na mulher, notadamente toda a corrente do instinto materno. Por que não dizer aqui que o fato de que tudo o que é analisável é sexual não implica que tudo o que é sexual seja acessível à análise?

Entendemos, assim, que tudo o que é analisável é da ordem sexual, mas nem tudo o que é da ordem sexual é possível de analisar. Há algo do sexual que escapa ao campo

das palavras. A mediação fálica não tem acesso a toda a vida pulsional da mulher. É por isso que o gozo feminino tem relação direta com a via pulsional da mulher, o que nos permite encontrar a pulsão de vida, mas também a pulsão de morte.

Retornando à letra da música, encontramos nela algo da ordem de uma não separação. “A gente é um só”, é o nome dela, remetendo-nos ao movimento de alienação. Sabe-se que o tempo do complexo de Édipo é também um tempo de alienação e separação. No sujeito psicótico haverá uma grave falha na separação, que, por consequência da forclusão da metáfora paterna, manterá o sujeito psicótico colado ao mundo do desejo do Outro. Porém, de que modo pode-se entender uma menina, na relação com sua mãe, se também entre elas haverá um ponto onde não se pode afirmar que há uma separação completa? É desse ponto, onde a ruptura manca, que advém o gozo não-todo, que, como Lacan afirmou, é um gozo que vem de fora do corpo (1972/73).

A vertente erotomaníaca do amor, aproxima-se, assim, da psicose, embora não seja a mesma coisa. Enquanto na psicose o Outro é inteiro, não é castrado, no amor erotomano o que a mulher busca é a exceção, o “ao menos um” que escape da castração. Se por um lado, a mulher não identifica-se inteiramente ao seu gozo fálico, por outro lado, ela identifica-se pela via do amor. Nesse sentido o amor serve como um limite ao gozo feminino. Se o homem não pode tocar o gozo feminino da mulher, se ele não pode acolher o seu para além do falo, a mulher pode se encontrar aí com a devastação.

Quando uma mulher ama a partir desse lugar, onde não sabe onde o outro termina e ela começa, é aí que podemos pensar que a vertente *erotomaníaca* do amor se revela, denunciando uma evidente repetição da relação pré-edípica que teve com a mãe com seu relacionamento amoroso da vida adulta. Por isso é preciso que a mãe acolha o corpo feminino de sua filha. É preciso que a envolva com palavras. Só depois a menina elaborará uma demanda ao pai, como resto disso que não pôde ser simbolizado pela mãe.

Se a menina experiencia uma não-aceitação de seu corpo por parte de sua mãe, isso deixará marcas de desamor ou de perda de reconhecimento, o que, ao longo dos anos, não perderá a força, pois como vimos, a relação pré-edípica com a mãe não se destrói e nem se resolve com o complexo de Édipo.

É interessante destacar que a compreensão da letra da música carrega consigo um duplo sentido. Podemos ler a letra da música como a demanda de amor de uma mulher em relação ao seu parceiro, como vimos acima, mas também podemos lê-la como a expressão do sentimento de desamparo que uma criança vive em relação à sua mãe. Os trechos: “Sem você eu sumo, eu morro de fome” e: “eu nos vi no espelho e somos um só” demonstram isso.

Assim, certamente o duplo sentido contido na leitura da música não se trata de mera coincidência, mas revela o que Freud já nos advertiu: o modo de uma mulher se relacionar em sua parceria amorosa acontece ao mesmo molde de seu relacionamento com sua mãe.

Portanto, podemos entender que a devastação comporta algo de um traço de não separação com a mãe, que mortifica uma mulher no que ela tem de singular. Talvez o amor possa funcionar aí como um agente da castração, como uma metáfora paterna, que aparece lhe convidando a escrever uma nova história, uma história sua, lhe auxiliando a separar a sua pele da de sua mãe.

Entretanto, é preciso advertir de que, paradoxalmente, também o amor pode convocar uma mulher a reviver suas relações mais primitivas, e acordá-la para um estado de

devastação, pois o amor poderá despertar uma mulher para viver o ilimitado que lhe habita.

Considerações finais

Vimos que a teoria da feminilidade, em Freud, só pode ser pensada se considerarmos o tempo pré-edípico de uma relação que uma menina vive com sua mãe, tamanha sua relevância. Porém, ainda que uma mulher, diferentemente de um homem, seja duplicada (já que vive um tempo pré-edípico e um edípico, tenha a sua bissexualidade mais revelada, tenha duas zonas erógenas e esteja submetida a duas maneiras de gozar), ainda assim, a sexualidade feminina não está garantida. Toda essa duplicidade não garante uma saída para a feminilidade de uma mulher.

Na análise de alguns pontos da teoria freudiana e lacaniana observou-se que a relação devastadora que uma menina pode vir a ter na relação com sua mãe poderá vir a se repetir em seus relacionamentos amorosos da vida adulta. Seguindo o fio condutor dos ditos freudianos, encontrou-se em Lacan, em seus escritos sobre a sexualidade feminina, bem como na análise da letra de uma música contemporânea, a repetição de um sofrimento que não foi elaborado. O que se percebe é que, ainda que a relação primitiva conflituosa de uma menina com sua mãe tenha sido ocultado posteriormente por um bom relacionamento com o pai, a os conflitos da relação com a mãe não se aniquilam na vida de uma mulher.

É pela via do amor, especialmente pela via do ser amada, que muitas mulheres irão buscar uma suplência ao significante da feminilidade que não existe. Porém, o que elas encontrarão aí também não necessariamente resolverá a sua questão com a feminilidade, podendo complicá-las, e muito, pela via da devastação e da erotomania.

Por fim, com a análise da canção, percebe-se que o dito freudiano, de que o artista antecede ao psicanalista, novamente revela-se como verdadeiro, visto que, o saber do artista presta-se a elucidar postulações psicanalíticas.

Referências

- André, S. (1987). *O que quer uma mulher ?*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2003.
- Falcão, C. (2013). Um só. *Monomania*. [EP]. Sony Music.
- Freud, S. (1996a). Sobre o narcisismo: uma introdução. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. 14, pp. 77-110). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914).
- Freud, S. (1996b). A organização genital infantil. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Trabalho original publicado em 1923).
- Freud, S. (1996c). Sexualidade feminina. In *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. (Trabalho original publicado em 1931).

Freud, S. (1996d). Novas conferências introdutórias sobre Psicanálise: Conferência XXXIII: Feminilidade. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (J. Salomão, trad., Vol. 22, pp. 113-134). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1933).

Lacan, J. (1998) Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. In Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Trabalho original publicado em 1960).

Lacan, J. (2008) O seminário, livro 20. Mais, ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-73).

Lacan, J. (2003a) O aturdido. In Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1973).

Lacan, J. (2003b) Televisão. In Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1974).

Recebido / Received: 20/11/2016

Aprovado / Approved: 10/12/2016